

# Na Ponta do Lápis

ano IV – número 10.  
dezembro de 2008



**DE TODOS OS JEITOS DE TODOS OS LUGARES**  
Os jovens brasileiros que abraçaram a nossa Olimpíada



CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

**Coordenação**  
Sônia Madi

**Texto e Edição**  
Luiz Henrique Gurgel  
Maria Aparecida Laginestra  
Regina Andrade Clara

**Revisão**  
Rosania Mazzuchelli  
e Mineo Takatama

**Edição de Arte**  
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

**Ilustrações**  
Criss de Paulo

**Editoração**  
AGWM Editora e Produções Editoriais

**Fotos**  
Alexandre Mota (MG)  
André Mendes (PE)  
Arthur Calasans e Felipe Russo (SP)  
Christina Rufato (DF)  
Elson José Junior (GO)  
Gisele Koprowski (PR)  
Joaquim Saldanha (CE)  
Rogério Uchoa (PA)

**Agradecimentos**  
Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão)  
João Wanderley Geraldi  
Mário Prata  
Moacir Scliar

**Tiragem**  
150 mil exemplares

Contato com a redação  
Rua Dante Carraro, 68 – São Paulo – SP  
CEP 05422-060  
Telefone: 0800-7719310  
e-mail: [escrevendofuturo@cenpec.org.br](mailto:escrevendofuturo@cenpec.org.br)  
[www.escrevendofuturo.org.br](http://www.escrevendofuturo.org.br)

INICIATIVA



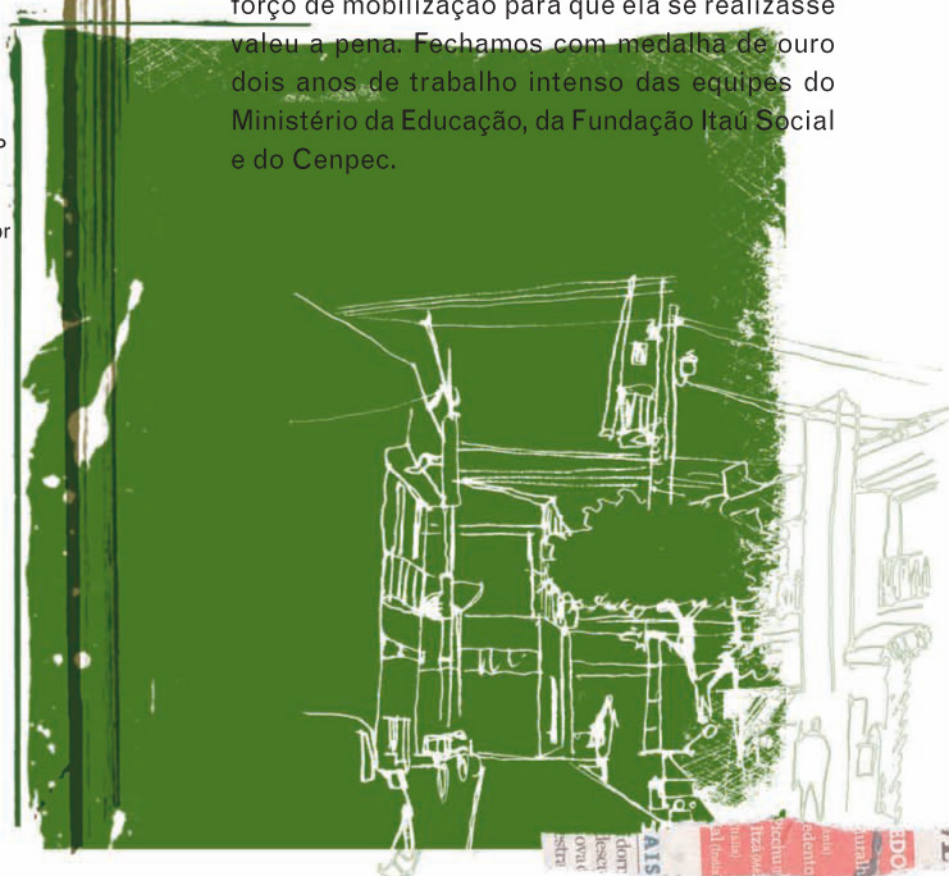
## Editorial

### Ouro para o Brasil

A palavra “olímpico” sempre esteve vinculada a eventos de grandes proporções, envolvendo milhares de pessoas dos mais diversos lugares. O dicionário *Aurélio* faz referência ao sentido figurado que a palavra acabou por adquirir: “grandioso, majestoso, divino, nobre”.

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* ocorre em salas de aula de todo o Brasil, dos grandes centros urbanos às áreas rurais mais recônditas do país. Sua ação é grandiosa, não apenas por envolver mais de 6 milhões de estudantes brasileiros e quase 200 mil professores, mas principalmente por ter como objetivo melhorar a qualidade da nossa educação pública. Conjuga ações do governo federal com a sociedade civil, por meio da Fundação Itaú Social e do Cenpec, além de Estados, municípios e entidades de dirigentes de ensino, ou seja, a Olimpíada é um exemplo concreto de que lutar por uma educação de qualidade está acima de quaisquer outros interesses e preocupações – é um consenso nacional.

É gratificante, portanto, chegar ao fim desta primeira edição com a certeza de que todo o esforço de mobilização para que ela se realizasse valeu a pena. Fechamos com medalha de ouro dois anos de trabalho intenso das equipes do Ministério da Educação, da Fundação Itaú Social e do Cenpec.



Se a língua é um dos traços distintivos de nossa identidade e presença no mundo – “Minha pátria é a língua portuguesa” já disse o poeta Fernando Pessoa –, é fundamental fazer que os estudantes brasileiros se aproximem e se apropriem ainda mais dela, refletindo sobre seus usos e possibilidades, já que falamos, escrevemos, pensamos e sonhamos em bom português.

Por isso saudamos as educadoras e educadores que participaram de nossa Olimpíada, convidando-os a estarem conosco novamente em 2010.

### Na ponta da língua

Nesta última edição do ano, apresentamos uma reportagem com cenas das oficinas regionais da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, que reuniram professores e alunos de todos os Estados brasileiros.

Também trazemos informações sobre um dos gêneros literários mais praticados no Brasil: a crônica. Se, em sua origem, o cronista era responsável por registrar para a posteridade feitos memoráveis de reis, generais e outros poderosos, para os cronistas de hoje são as experiências pessoais e cotidianas, aparentemente banais e contidas em partículas de tempo, que merecem ser relatadas.

Um artigo do escritor e professor Jorge Miguel Marinho fala da evolução da crônica no Brasil, mencionando os escritores que mais contribuíram para o aprimoramento do gênero. Já a professora Maria do Carmo Brant, coordenadora do Cenpec, destaca a importância do “lugar em que se vive”, sempre tema dos estudantes que participam da Olimpíada.

Nosso entrevistado é o lingüista e professor doutor pela Unicamp, João Wanderley Geraldi, um dos principais especialistas brasileiros em práticas pedagógicas para o ensino da Língua Portuguesa.

Na *Página Literária*, um texto inédito do mineiro Luiz Ruffato, escritor premiado no Brasil e no exterior e um dos mais originais da nova geração.

Desejamos uma boa leitura e um ótimo final de ano.

## Sumário

2

### ENTREVISTA

João Wanderley Geraldi

4

### REPORTAGEM

A maratona olímpica

8

### ESPECIAL

Como abraçar o lugar em que se vive

10

### PÁGINA LITERÁRIA

Minha vida

12

### QUESTÃO DE GÊNERO

O gênero textual crônica

14

### ÓCULOS DE LEITURA

Esses cronistas maravilhosos e suas palavras voadoras

18

### DE OLHO NA PRÁTICA

Crônica: Uma prosa bem afiada

23

### DESAFIO

A crônica nossa de cada dia



## “Professor não pode ter medo de errar”

O conselho é do lingüista João Wanderley Geraldi, atualmente professor colaborador voluntário da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e um dos principais pesquisadores brasileiros sobre o ensino de Língua Portuguesa. Geraldi é um dos organizadores da coletânea *O texto na sala de aula*, obra publicada em 1984 que até hoje é referência para a proposição de políticas públicas e práticas pedagógicas para o ensino da língua. É dele o projeto “Unidades Básicas para o Ensino de Português”, uma proposta de sistematização para o ensino de 5ª a 8ª série. Ex-diretor do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, onde concluiu o mestrado e doutorado em Lingüística, Geraldi tem participado como professor visitante de programas de pós-graduação em educação nas universidades do Porto e de Aveiro, em Portugal, além de ser professor e pesquisador associado da Universidade de Siegen, na Alemanha, onde colabora na orientação de doutorandos brasileiros.

América Marinho

### **O que levou o lingüista e professor universitário a se preocupar com as questões de ensino da língua na educação básica?**

Eu comecei como professor de ensino noturno na educação básica. Quando fui para a universidade, levei minha experiência e minha história de vida. Isso me fez pensar no trabalho do professor, como atividade acadêmica voltada para pesquisa e também na preocupação que se deve ter com o contexto nacional da educação. Um segundo aspecto, sem sombra de dúvida, é uma postura política: acho que a atitude de interferência do professor é fundamental e a universidade não pode ficar fora das questões da sociedade.

### **Desde a publicação do livro *O texto na sala de aula* (1984), aprendemos que o ensino e a aprendizagem da língua precisam desenvolver-se por meio de situações em que falar, ler e escrever tenham finalidade. O que isso significa?**

Na década de 1980, quando comecei a tratar disso com base em uma perspectiva discursiva da linguagem, os objetivos escolares da produção de texto eram extremamente limitados, voltados à questão da avaliação, à questão da correção. A idéia era criar uma espécie de escola mais produtiva – embora hoje a palavra esteja extremamente complicada, pois tem sido usada no sentido de concorrência no mercado. Na época era em contraposição a uma escola reprodutiva. Por exemplo, numa escola em que é difícil o acesso a material de literatura infantil, o professor corre atrás de textos adequados para as crianças. O que pode ser mais adequado para o primeiro, segundo e terceiro ano que os textos contados, produzidos pelos próprios alunos?

Esse material, depois de trabalhado pelo professor e ilustrado pelas crianças, pode se transformar em uma obra que fica na biblioteca e pode ser lida por outros alunos. Sua passagem pela escola é marcada por sua obra. Ao não jogar fora a história contada, o papel, o desenho e a cultura – ao mantê-los na biblioteca –, você começa a criar uma coisa que valorizamos muito: a memória.

### **Para alguns professores, a compreensão de que o ensino da língua se dá por meio dos usos sociais foi como um “abre-te, Sésamo”; para outros, uma enorme dor de cabeça. Como você vê essas duas reações?**

A criança participa dos usos sociais da escrita antes de entrar na escola. Impedir esse uso na escola é separar o sujeito da sua própria vida. Muitos professores tentam essa separação, em função do processo de alfabetização. Na verdade esse processo seria muito mais produtivo se levasse em conta os usos sociais da língua. Aprendizagem não é só um processo de apreensão; é um processo de reflexão sobre aquilo que eu aprendo. Essa reflexão altera tudo o que eu pensava antes, porque desloca o conjunto de conceitos de que disponho para acessar o mundo. Eu diria que, quando a criança começa a refletir e interpretar a escrita, esse conhecimento passa a ocupar um lugar em sua vida. A reação dos professores depende da história de cada um. Aqueles que naquela época já eram contra a ortodoxia da escola se aproximam das nossas idéias; os que eram ortodoxos pensavam que, se não ensinassem a gramática como estavam acostumados, ficariam perdidos sem ter objeto para ensinar.



### Que gêneros devem ser privilegiados no currículo da educação básica?

Qualquer gênero pode ser ensinado na escola, o que não quer dizer que todos os gêneros devam ser ensinados na escola. Mas o que está acontecendo a partir dos anos 1990 é a crença de que todos os gêneros têm de ser ensinados na escola. Isso é um absurdo, pois, se os gêneros têm que ver com as atividades humanas, por que eu vou supor que uma pessoa só conhece um gênero se for ensinado na escola? Por exemplo, se eu não tenho nenhuma situação planejada na escola, nem a necessidade de as crianças mandarem um ofício para o prefeito, ensinar ofício vai tornar-se parte da obrigação de trabalhar todos os gêneros. Agora, para quê? Vai chegar o momento em que eles vão aprender a fazer o ofício, que esse conhecimento vai se tornar necessário; na hora que eles forem para grêmio estudantil, avançarem no processo escolar. Os que têm essa concepção de trabalho se esquecem inclusive de gêneros que são acadêmicos; circulam e são importantes dentro da escola, como o resumo, a anotação, a dissertação. Não faz mal que um aluno, durante todo o seu processo de escolaridade, não tenha feito nenhum texto no gênero X ou Y. Ao longo da vida, ele vai aprender a usar aquele de que tiver necessidade.

### De que critérios o professor deve se valer para indicar a leitura de textos literários de boa qualidade?

A noção de “literatura de qualidade” varia ao longo da história. Eu prefiro a idéia do grande tempo. Nós vivemos um grande tempo. Nesse tempo, há notas que permanecem, outras ficam anos esquecidas e ressurgem. Por exemplo, no século XVI, os textos de Shakespeare eram da literatura popular e hoje são considerados clássicos. Penso que a liberdade do leitor de construir sua caminhada é o principal critério que o professor pode ter. Todos nós somos capazes de fazer



nossa caminhada de leitura. Em minha experiência de trabalho vi alunos que começaram lendo *Éramos seis*, de Maria José Dupré e terminaram lendo *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro. Essa liberdade permite que a criança possa de fato começar lendo o que nós consideramos leitura barata e terminar lendo literatura de boa qualidade. Agora, se ela começou com literatura barata e terminou com literatura barata, é porque na sala de aula não estavam circulando outros livros. Livro de boa qualidade é o livro que os leitores gostam de ler. O que é um livro bom para criança? É aquele que a criança lê com prazer, que ela tem vontade. É preciso abrir um leque. Acho que isso explica melhor o conceito de liberdade que eu estou trazendo.

### Para finalizar, que recado daria aos professores brasileiros, leitores desta publicação?

Que o professor não tenha medo de errar. Aprende-se muito errando. Acredite que o aluno com o qual você errou vai aprender muito mais. Quando, mais tarde, o aluno disser “aquele professor errou quando fez tal coisa”, vai mostrar onde você acertou. Se você errou, não se culpe – você está fazendo o máximo que pode no momento. Também acho essencial que os responsáveis pelas políticas públicas olhem para o professor como gente, da mesma forma que os professores precisam olhar para o aluno como gente. Isso cria outro compromisso; cria diálogo, cumplicidade. Cria a possibilidade de ultrapassarmos os limites que nós mesmos temos nos imposto ao longo da história. Porque os limites e crises de hoje na educação fomos nós mesmos que criamos ao longo da história, não foi algo que caiu do céu. O caminho se faz ao caminhar. Caminhar é um processo às vezes doído, às vezes alegre. E nós estamos caminhando.

**América Marinho** é professora de língua portuguesa.



# A maratona de uma Olimpíada

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* começou com a participação de mais de seis milhões de estudantes e quase 200 mil professores. Em sua penúltima fase, em São Paulo, reuniu 620 pessoas em três dias de intensa atividade com brasileiros de todos os quadrantes do país. Na etapa final, 15 estudantes foram premiados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, numa cerimônia em Brasília, no dia 1º de dezembro.

Luiz Henrique Gurgel

As salas e os corredores do hotel estavam tomados por adolescentes, jovens e seus professores vindos de todo o país. Pela primeira vez homens e mulheres de negócios eram minoria no Hotel Transamérica, em São Paulo, que recebeu entre os dias 17 e 19 de novembro a semifinal da 1ª Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Foram três dias com oficinas de formação, trocas de experiências e roteiros culturais envolvendo 620 estudantes e professores. Desse grupo saíram os finalistas para a última etapa da Olimpíada, em Brasília.

No encontro, um mosaico da diversidade brasileira com seus sotaques, tons de pele, jeitos de andar e de sorrir. Estrangeiros hospedados no hotel tiveram a oportunidade rara de conhecer o Brasil inteiro num mesmo espaço, por meio de amostras de sua gente, todos falando a mesma língua, mas de modos diferentes. Os crachás que estudantes e professores ostentavam no peito indicavam nomes de cidades bem brasileiras: Caiapônia (GO), Regeneração (PI), Queluz (SP), Marataízes (ES), Derrubadas (RS), Xanxerê (SC), Bacabeira (MA), Poconé (MT), Japaratuba (SE), Manacapuru (AM), Chalé (MG), Salinas da Margarida (BA), entre outras.

## Acolhida

No imenso salão de convenções, as boas-vindas foram dadas por Claudia Sintoni, da Fundação Itaú Social, e por Sônia Madi, do Cenpec, coordenadora pedagógica da Olimpíada. Em



seguida professores e alunos receberam as medalhas de bronze como semifinalistas. “Você correram atrás de um sonho e conseguiram realizá-lo”, afirmou Sônia.

Mas as principais atividades iriam começar no dia seguinte. Separados, professores e alunos seguiram para as oficinas de formação, divididos conforme o gênero de texto em que concorriam – poesia, memórias e artigos de opinião.

Apenas a de poesia reunia só participantes do Estado de São Paulo, já que nas outras regiões do país as semifinais dessa categoria de texto já haviam ocorrido: em Belo Horizonte, reuniu os participantes do Sudeste (com exceção de São Paulo); em Curitiba os do Sul; em Goiânia os do Centro-Oeste; em Belém os do Norte; em Fortaleza e em Recife, os do Nordeste.





## O dia-a-dia das oficinas

Todas as oficinas para professores e alunos trataram da elaboração, revisão e reescrita de textos, além de atividades específicas conforme o gênero trabalhado. Nas 17 salas destinadas às oficinas professores de regiões diversas trocavam opiniões e experiências. Marta Chiva Mangabeira, de São Paulo (SP), que trabalhou com memórias, afirmou “que os alunos perceberam que as pessoas mais velhas não são invisíveis, elas têm uma história”. Já Luiz Vicente Costa, de Poções (BA), disse que incentivou os alunos a observar os detalhes da pequena cidade pelas lembranças dos entrevistados.

O ambiente nas salas das oficinas de memória era propício. Todos os estudantes trouxeram fotos de seus entrevistados, destacando

trechos das conversas. Eram antigas imagens em cores ou em preto e branco. Ivani Moura da Silva, de São Gonçalo do Amarante (CE), escreveu ao lado da foto de seu entrevistado, um pescador aposentado, de barbas brancas, ao lado de uma jangada na praia, uma frase poética extraída de seu texto: “Eu continuo pequeno pescador sentindo o cheiro do mar”.

Nas oficinas com estudantes do Ensino Médio que participaram da Olimpíada com artigos de opinião cada um pôde apresentar aos colegas o tema que abordou. Sempre manifestando a preocupação de intervir em suas realidades, com uma grande variedade de assuntos e preocupações, mostravam-se agudos observadores de suas comunidades. Ficavam surpresos e empolgados para falar sobre o que escreveram ao ouvir os relatos dos colegas. Numa mesma turma, um estudante do





Rio Grande do Sul falava da preocupação com o patrimônio histórico de sua cidade, enquanto um colega da Bahia temia pela mata nativa ameaçada pelo plantio de eucaliptos; outro, de Minas, estudante de uma escola militar, questionava a exaltação da violência. Alguns trataram o tema de forma criativa, a partir da experiência pessoal. Foi o caso de Felipe Silva de Oliveira, que mora em Pedra do Salgado, uma comunidade de mil habitantes no município de Vitorino Freire (MA), que com bom humor, falou da polêmica entre moradores do vilarejo que criavam porcos soltos pelas ruas do lugar. Já Mariane de Oliveira, da cidade de Tamboara (PR), levantou o pro-

blema da mecanização do corte de cana em seu município que pode trazer o desemprego. Mariane, que trabalha numa fábrica de calças jeans e estuda à noite, baseou-se na história do próprio pai, cortador de cana, para falar dos “Cavaleiros da cana”; ela explica que a imagem usada no texto veio de um sonho: “Uma vez acordei com aquela imagem do cortador, parecendo um cavaleiro. Toda aquela roupa, luva, botas faz que ele pareça estar de armadura. O facão é a espada”, explica a estudante.

Os alunos do Ensino Médio ainda tiveram outra empolgante atividade. A equipe do Cenpec preparou um movimentado jogo

## João Acaiabe

Uma das atividades mais esperadas pelos alunos que participavam da Olimpíada com textos de memórias foi o encontro com João Acaiabe. Consagrado contador de histórias no programa *Rá-Tim-Bum*, da TV Cultura, e no papel de Tio Barnabé, no *Sítio do Picapau-Amarelo*, da TV Globo, o ator teve de enfrentar um desafio diferente: contar sua própria história de vida para os adolescentes que faziam perguntas e anotavam as histórias suscitadas pela memória de Acaiabe.

Depois da entrevista, os estudantes escreveram o texto com as memórias narradas por Acaiabe. No dia seguinte, uma atividade emocionante para o ator: ele leu alguns textos dos estudantes e também ouviu, deles mesmos, o que haviam escrito sobre suas histórias.







de tabuleiro que serviu como ponto de partida para os textos que deveriam escrever durante uma das oficinas. Por sorteio, os estudantes tinham de discutir, defender ou refutar pontos de vista sobre uma das questões polêmicas sugeridas pelo jogo: multas de trânsito, devastação da Amazônia, redução da maioridade penal, desarmamento, entre outros. Debates acalorados com troca de idéias e pontos de vista marcaram as oficinas, enriquecendo as possibilidades para a criação de seus artigos.

Mas os três dias não foram só para trabalhar com textos. Além das oficinas, todos puderam conhecer São Paulo, visitando o Centro Antigo, o Museu da Língua Portuguesa e o Museu Paulista, no Parque da Independência.

## Passaporte para a final

A festa que anunciou os finalistas da 1ª Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* aconteceu no Teatro Abril, em São Paulo. A atriz Rosi Campos, a Morgana do *Castelo Rá-Tim-Bum*, foi a mestre de cerimônias. Um telão exibiu uma mensagem especial do ministro da Educação Fernando Haddad para os participantes. Em nome da Fundação Itaú Social, Antonio Matias, vice-presidente da entidade, cumprimentou estudantes e professores, destacando que a Olimpíada é parte do “maior desafio do país que é oferecer educação de qualidade para todos”. Em seguida, a secretária de Educação Básica do MEC, Maria

do Pilar Lacerda Almeida e Silva enfatizou a parceria da Fundação com o governo federal na realização da Olimpíada. Todos os 150 semifinalistas receberam medalhas de prata e aparelhos de som.

## Em Brasília: 16 horas

No encerramento da Olimpíada, em Brasília, no dia 1º de dezembro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva entregou pessoalmente as 15 medalhas de ouro aos vencedores. “No Brasil, nós muitas vezes somos jogados para baixo. O que se viu hoje é que nenhum ser humano se movimenta se não estiver motivado”, disse o presidente durante seu discurso. Já o ministro da Educação, Fernando Haddad, lembrou o bom desempenho de estudantes, que apesar de várias dificuldades, como a impossibilidade de dedicar-se exclusivamente aos estudos por precisar trabalhar, ficaram entre os finalistas da Olimpíada.

O presidente do Banco Itaú e da Fundação Itaú Social, Roberto Setúbal, destacou a parceria com o governo federal na realização da Olimpíada: “A colaboração entre o setor público e o privado é fundamental para fazer frente aos desafios sociais do nosso país”, afirmou.

Além das medalhas de ouro, os 15 vencedores e seus professores receberam computadores e impressoras. Suas escolas ganharam um laboratório de informática com dez computadores, uma impressora e livros para a biblioteca.



## Como abraçar o lugar em que se vive

Quando escolas e outros serviços públicos são capazes de integrar-se à comunidade, aproximam os alunos da vida cotidiana e da história local, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento.

Maria do Carmo Brant de Carvalho

*O lugar onde vivo*, tema da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, não foi proposto por acaso. Por trás dessa escolha existe um convite: “Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver”, como sugeria Otto Lara Resende.

Quando escolas, professores e alunos “fletam” com seu território e sua comunidade, vínculos se potencializam, e saberes, identidades e projetos de vida têm espaço para encontros.

Comunidade é aqui entendida como coletivo de pessoas que vivem num mesmo território físico e se alimentam de relações de proximidade: vinculam-se a redes, portam valores, cultura, identidades e projetos de futuro, comungam uma mesma vida cotidiana.

Compartilhamento fraterno – eis o sentido mais profundo do conceito comunidade que nem sempre se expressa, pois as vulnerabilidades e exclusões sofridas muitas vezes abafam o potencial de partilha e construção coletiva.

Os serviços públicos como escola, unidade básica de saúde e centros de assistência social carecem de base comunitária, sobretudo nas grandes cidades. Essa base é necessária para se recuperar na comunidade a confiança perdida no serviço público. A confiança é o maior capital social que a comunidade oferece. Quando esse capital se perde, perde-se também a comunidade.

Por isso solicita-se da escola e dos demais serviços públicos habilidades de acolhimento. Mais que isso: ao abraçar a comunidade, a

escola potencializa o chamado “efeito comunidade” na aprendizagem. Sabe-se hoje o quanto o repertório informacional e cultural comunitário interfere significativamente no interesse e aprendizado dos alunos.

*“Hoje temos, toda quarta-feira, um espaço na rádio local onde os alunos selecionam as melhores histórias (memórias) e divulgam para a comunidade.”*

Prof<sup>a</sup> Vilma Salete dos Santos Pereira  
(Inácio Martins – PR)

*“As crianças pesquisaram sobre o município na biblioteca, nos livros, documentos e na internet. Também receberam a visita de um escritor ‘especial’, um aluno da APAE que escreveu dois livros sobre histórias do nosso município e que organizou um pequeno museu com objetos antigos dos colonizadores e de pedras lascadas utilizadas pelas tribos de índios que habitavam a região e que foram encontradas por colonos nos seus trabalhos na lavoura.”*

Prof<sup>a</sup> Maira Joceli Pereira Miranda  
(Campo Alegre – SC)

Contextualizar a aprendizagem é uma das formas de mover a relação escola–comunidade, enlaçando-a com cultura e participação pública.



*“Há algumas semanas foi inaugurado um mega shopping center na região centro-sul da cidade [Curitiba]. É um bairro que não fica muito distante da periferia e atraiu, provavelmente por isso, inúmeros jovens residentes em vilas vizinhas ao referido shopping. O fato é que seguranças do estabelecimento impediram a entrada de dezenas de adolescentes sob a alegação de se tratar de gangues, formadas para ‘apavorar’ os clientes e lojistas com atos de vandalismo.*

*Na sala de aula comentei o ocorrido e a reação dos alunos foi bombástica. Quase todos queriam emitir sua opinião simultaneamente. ‘O que são lugares públicos?’, ‘Desordeiros têm um perfil que os identifique?’, e por aí foi o debate, quente e acirrado. Foi necessário formalizar um debate sobre a polêmica criada: ‘Grupos com cinco ou mais adolescentes, com as características já citadas não podem entrar no shopping’. Você é contra ou a favor?”*

Prof<sup>a</sup> Ades Nascimento  
(Curitiba – PR)

*“A comunidade/cidade tem sempre suas questões polêmicas: ‘A chegada de estrangeiros, comprando terras em nossa cidade, trará desenvolvimento e geração de emprego ou será outra forma de colonização?”*

Prof<sup>a</sup> Francisca Elane Costa  
(Camocim – CE)

Construir argumentos e contra-argumentos para elaborar um artigo de opinião confere à escrita uma possibilidade em geral pouco explorada nas escolas: alunos-autores inscrevendo-se como cidadãos que podem tornar público aquilo que pensam e sentem a respeito do lugar onde vivem.

O sentido de pertença e a iniciação ao mundo público são exercícios fundamentais

para a construção do ser social e percepção da coletividade. Se, por um lado, valores, comportamentos, saberes e ações de um povo em seu território são chaves para a indução desses processos, por outro, é preciso garantir circulação e abertura a outros mundos possíveis.

*“Assim que ouvi as primeiras propagandas da Olimpíada, tive o desejo de participar. Motivar meus alunos a participar era então o meu desafio. Sem dizer nada sobre a Olimpíada, organizei uma excursão até Itabira – cidade vizinha à nossa e berço de um dos maiores poetas do mundo: Carlos Drummond de Andrade. Itabira abriga hoje o Projeto Drummonzinho, que consiste basicamente em vencer barreiras sociais através da arte, da poesia. Nós conhecemos vários dos ‘caminhos drummondianos’ acompanhados por um dos Drummonzinhos do projeto, que, além de contar a história de sua cidade, declamou divinamente diversas poesias de Drummond. Os momentos de declamação, a reação dos meus 34 alunos diante daquele adolescente, no meio da rua, com barulho de carro, gente conversando... me fizeram ter mais certeza ainda que a nossa participação nessa Olimpíada aconteceria de maneira significativa.”*

Prof<sup>a</sup> Claydes Regina Ricardo  
(Santa Bárbara – MG)

Por isso é importante compreender a idéia de coalizão com a comunidade e com o território como algo mais fundo. O conhecimento que a escola e seu currículo propõem precisa envolver a prosa e a poesia que habitam os diferentes espaços e sujeitos capazes de ensinar. Caso contrário, a aprendizagem de crianças e adolescentes corre o risco da clausura.

**Maria do Carmo Brant de Carvalho**, doutora em Serviço Social pela PUC – SP, é coordenadora-geral do Cenpec.



# Minha vida

Composição de Luiz Ruffato, corrigida pela professora D. Aurora

Agora tem um ano que mudamos para a nossa casa no Paraíso. Ela ainda não está pronta. Falta emboçar as paredes de fora e pintar as de dentro, mas, orgulhoso, meu pai fala que pelo menos já não precisamos mais ter medo de ficar sem dinheiro no fim do mês para pagar o aluguel.

Uma correria danada durante a construção. Todos ajudaram. No dia de bater a laje, os colegas do meu irmão da Manufatora organizaram um mutirão. Parecia um caminho-de-formiga: lá embaixo, os que misturavam areia, cimento, pedra-britada e água; lá em cima, os que espalhavam a massa sobre o madeirame; e entre uns e outros, os baldes transbordando passavam de mão em mão. Eu mesmo, nesse dia, fiquei numa lufa-lufa sem fim: montado na bicicleta Phillips, freio contra-pedal, pneu-balão, que meu pai tinha comprado de segunda-mão para mim, emendei várias viagens entre a Vila Teresa e o Paraíso, carregando sacos de pão-com-molho-de-tomate e garraões de quissuco que minha mãe e minha irmã faziam.

Aquilo lembrava mesmo um caminho-de-formigas, que, depois que o sol morre, eu e meu pai combatemos nos altos dos pastos. São cabeçudas, que arrancam sangue da gente, as enfezadas. Nosso bairro ainda não tem luz. A água tiramos de um poço de vinte metros de fundura, com uma bomba Marumby. Todos nós nos revezamos para garantir o banho e para minha mãe cozinhar e lavar roupa para fora. Hoje são dez trouxas, mas já foram umas quinze por semana.

Eu sinto falta da Vila Teresa. Quando no ano passado o caminhão encostou para levar a mudança, corri para o quintalzinho, onde vivia em camaradagem com lesmas, grilos, paquinhas, minhocas, e até um sapo-boi, na estação das águas, e abri o bué. Não tenho vergonha, solucei mesmo. Ali passei os melhores anos da minha vida, brincando de bola no campinho, de pique na chácara, indo à escola... Eu possuía um gato, branquinho-branquinho, de rabo assustado, chamado Ronrom. Ele veio preso dentro de um saco-de-estopa, porque falaram que não podia ver o caminho, senão voltava para a casa antiga. Durante o trajeto, preocupado se ele estava sentindo falta de ar, deixei que pusesse a cabeça para fora. Bastou a gente chegar no Paraíso e ele sumiu. Passei vários dias andando de um lado para o outro, especulando sobre ele, mas nunca mais ouvimos o miado do Ronrom. Ainda hoje penso que se não tivesse deixado ele olhar a paisagem...

Mas minha mãe disse que os gatos são assim mesmo, desagradecidos, e prometeu me dar um cachorro de presente de aniversário. Ele vai se chamar Joli, um nome bonito que ouvi na Praça Santa Rita, onde meu pai vende pipoca. Ele tem um carrinho verde e, de vez em quando, me deixa tomando conta para eu poder aprender a “não ter medo de trabalho”. Apareceu lá certa feita um adestrador com um pastor-alemão e o bitelo só faltava falar, porque entender, ele entendia tudo. O senhor mandava ele deitar, rolar, sentar, ficar paradinho feito



estátua, buscar um pedaço-de-pau-lá-longe, e todos batiam palmas, encantados. Só quando pediu para tirar o chapéu do meu pai é que não gostei, porque ele levou um susto e quase caiu de costas e o povo morreu de rir (eu também, mas disfarcei). Este pastor alemão é que se chamava Joli.

Está sendo difícil adaptar aqui, porque antes a gente vivia num cortiço, mas com água encanada e luz elétrica e a rua, calçada de paralelepípedo, era perto do centro. Atravessávamos a ponte nova e já estávamos na Praça Rui Barbosa, onde meu irmão e minha irmã rodavam no sábado à noite. Lá estão os dois cinemas da cidade, a padaria mais bonita, as maiores lanchonetes, os bancos e, para tristeza do meu pai, coitado, o melhor ponto para vender pipoca, ocupado pelo xará dele, seu Sebastião Lopes. A Praça Santa Rita não oferece nada, só a missa da Igreja Matriz e a fonte-luminosa. Mas o lugar, escuro, por causa das árvores que escondem a iluminação dos postes, só acolhe quem não presta, como diz a minha mãe. Imagina então a freguesia do meu pai... Mas na Vila Teresa também havia inconvenientes. O correio de casas, muito perto do rio Pomba, ficava coberto pelas águas quando vinha a enchente.

A minha irmã detesta o Paraíso, porque é longe e feio. Na hora de trabalhar, ela tem que ir a pé até o Beira-Rio para pegar um ônibus. Ela acorda antes do sol e desce a morraria xingando e lamentando o dia em que nasceu. Ela reclama da poeirama, na estiagem, e do barro, na época das chuvas. E vive ameaçando que um dia se casa com alguém só para ir embora. Aí minha mãe fica brava, porque ela fala que quis sair da Vila Teresa para dar uma vida mais digna para os filhos, mas principalmente para minha irmã, onde já se viu criar uma menina no meio de marginais e mulheres-da-vida? Meu irmão entra na discussão e acusa minha irmã de ser é metida, que ela tem um rei na barriga, e que ao invés de louvar a família que tem, cospe no prato que come. E meu pai, que não gosta de confusão, começa a assobiar, a cantar, sai de fininho, e só volta quando colocaram uma pedra sobre o assunto.

Agora, que estou terminando o primário, meu pai avisou que vai me inscrever no Senai, para eu poder aprender uma profissão. Ele quer que eu seja torneiro-mecânico que nem meu irmão, e sonha um dia a gente ir para São Paulo para trabalhar nas fábricas de carro, que é onde está o futuro, ele acha. A minha mãe chora só de pensar nisso, porque por ela nós nunca vamos nos separar. Mas meu irmão já recebeu até proposta de emprego em Diadema, que, dizem, é longe. E minha irmã está namorando firme e deve casar mesmo, não demora muito. Eu fico triste, porque só vai restar eu e devo seguir também para fora. Mas eu não queria ser torneiro-mecânico, queria mesmo era ser bancário do Banco do Brasil, que nem o marido da Dona Aurora.

"Minha vida" é uma composição escolar escrita por um aluno do quarto ano primário do Grupo Escolar Flávia Dutra, de Cataguases, corrigida pela professora Dona Aurora Silveira, e conta um pouco o momento de mudanças em sua vida. Mudança de casa, de bairro, de amigos, e, principalmente, de perspectivas. A continuação da história do menino Luiz Ruffato está, de certa maneira, contada no livro *De mim já nem se lembra*, publicado em 2007 pela Editora Moderna.

**Luiz Ruffato** é escritor, nasceu em Cataguases (MG). Tem publicados *Eles eram muitos cavalos* e o projeto *Inferno Provisório*, composto por cinco volumes, dos quais quatro já lançados: *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite* e *O livro das impossibilidades*.



# O gênero textual crônica

Heloisa Amaral

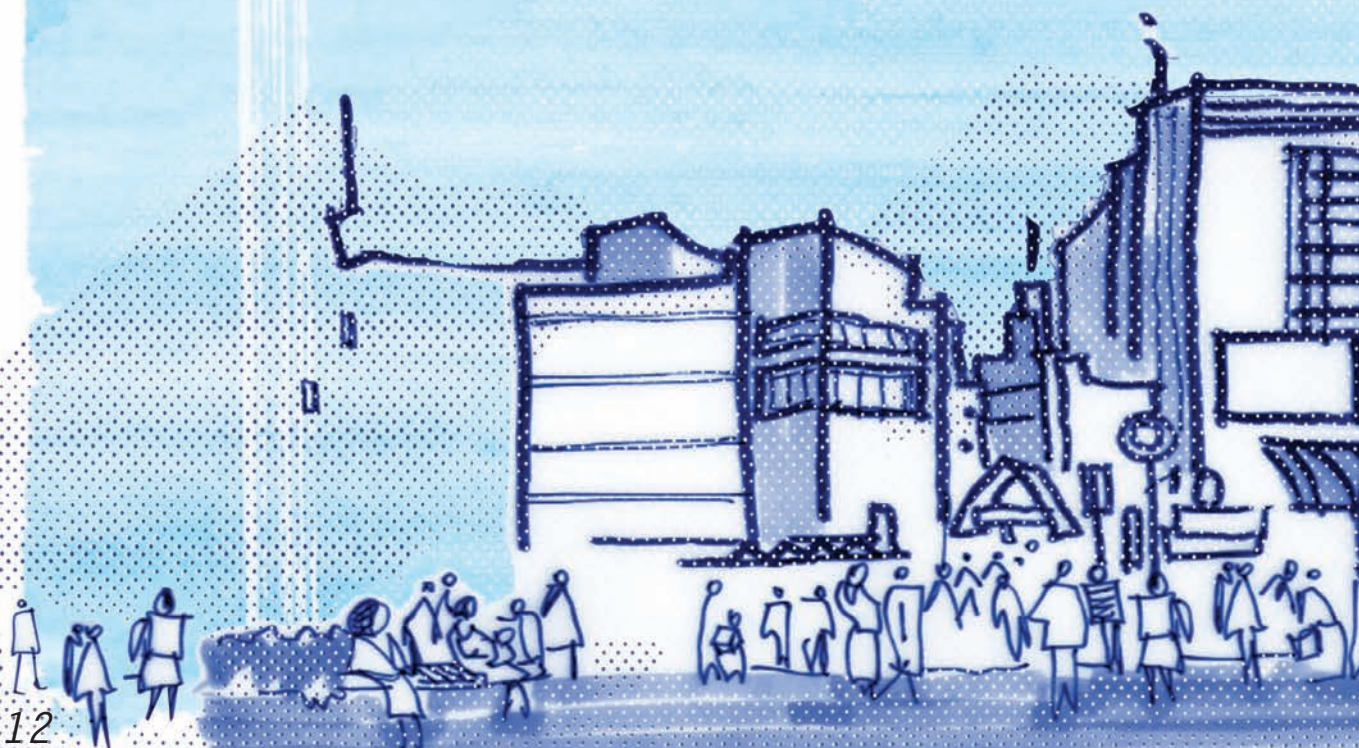
A palavra “crônica”, em sua origem, está associada à palavra grega “*khronos*”, que significa “tempo”. De *khronos* veio *chronikós*, que quer dizer “relacionado ao tempo”. No latim existia a palavra “*chronica*” para designar o gênero que fazia o registro dos acontecimentos históricos, verídicos, numa seqüência cronológica, sem um aprofundamento ou interpretação dos fatos. Como se comprova pela origem de seu nome, a crônica é um gênero textual que existe desde a Idade Antiga e vem se transformando ao longo do tempo. Justificando o nome do gênero que escreviam, os primeiros cronistas relatavam, principalmente, aqueles acontecimentos históricos relacionados a pessoas mais importantes, como reis, imperadores, generais etc.

A crônica contemporânea é um gênero que se consolidou por volta do século XIX, com a implantação da imprensa em praticamente todas as partes do planeta. A partir dessa época, os cronistas, além de fazerem o relato em ordem cronológica dos grandes acontecimentos históricos, também passaram a registrar a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo, publicando seus escritos em revistas, jornais e folhetins, ou seja, de um modo geral, impor-

tantes escritores começam a usar as crônicas para registrar, de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os acontecimentos sociais de sua época, publicando-as em veículos de grande circulação.

Os autores que escrevem crônicas como gênero literário recriam os fatos que relatam e escrevem de um ponto de vista pessoal, buscando atingir a sensibilidade de seus leitores. As que têm esse tom chegam a se confundir com contos. Embora apresente característica de literatura, o gênero também apresenta características jornalísticas: por relatar o cotidiano de modo conciso e ser publicadas em jornais, as crônicas têm existência breve, isto é, interessam aos leitores que podem partilhar esses fatos com os autores por terem vivido experiências semelhantes.

As características atuais do gênero, porém, não estão ligadas somente ao desenvolvimento da imprensa. Também estão intimamente relacionadas às transformações sociais e à valorização da história social, isto é, da história que considera importantes os movimentos de todas as classes sociais e não só os das grandes figuras políticas ou militares. No registro da história social, assim como na escrita das crônicas, um dos objetivos é





mostrar a grandiosidade e a singularidade dos acontecimentos miúdos do cotidiano.

Ao escrever as crônicas contemporâneas, os cronistas organizam sua narrativa em primeira ou terceira pessoa, quase sempre como quem conta um caso, em tom intimista. Ao narrar, inserem em seu texto trechos de diálogos, recheados com expressões cotidianas.

Escrevendo como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos, os autores os envolvem com reflexões sobre a vida social, política, econômica, por vezes de forma humorística, outras de modo mais sério, outras com um jeito poético e mágico que indica o pertencimento do gênero à literatura.

Assim, uma forte característica do gênero é ter uma linguagem que mescla aspectos da escrita com outros da oralidade. Mesmo quando apresenta aspectos de gênero literário, a crônica, por conta do uso de linguagem coloquial e da proximidade com os fatos cotidianos, é vista como literatura “menor”. Ao registrar a obra de grandes autores, como Machado, por exemplo, os críticos vêem seus romances como verdadeiras obras de arte e as crônicas como produções de segundo plano. Essa classificação como gênero literário menor não diminui sua importância. Por serem breves, leves, de fácil acesso, envolventes, elas possibilitam momentos de fruição a muitos leitores que nem sempre têm acesso aos romances.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, muitos autores famosos passaram a escrever crônicas para folhetins. Coelho Neto, José de Alencar, Machado de Assis estavam entre aqueles que sobreviviam do jornalismo enquanto criavam seus romances.

Os cronistas, atualmente, são numerosos e costumam ter, cada um deles, seus leitores fiéis. Hoje, os cronistas nem sempre são romancistas que escrevem crônicas para garantir sua sobrevivência. Há aqueles que vêm do meio jornalístico ou de outras mídias, como rádio e TV. Por isso, a publicação do gênero também ocorre em meios diversificados: há cronistas que lêem suas crônicas em programas de TV ou rádio e outros que as publicam em *sites* na internet.

Pelo fato de os autores serem originários de diferentes campos de atividade e de publicarem seus textos em várias mídias, as crônicas atuais apresentam marcas dessas atividades. Por isso, há, atualmente, diferentes estilos de crônicas, associados ao perfil de quem as escreve. Todos os estilos, porém, acabam por encaixar-se em três grandes grupos de crônica: as poéticas, as humorísticas e as que se aproximam dos ensaios. Estas últimas têm tom mais sério e analisam fatos políticos, sociais ou econômicos de grande importância cultural.

---

**Heloísa Amaral** é mestre em educação, autora do *Caderno do Professor – Pontos de vista*.





# Esses cronistas maravilhosos e suas palavras voadoras

Jorge Miguel Marinho

*A história que agora passo  
a contar do início  
explica em grande parte  
por que ainda acredito no  
ser humano  
– ô, raça!*

Tutty Vasques

A *crônica* aqui entre nós se casou tão bem com o espírito brasileiro, com a vontade de se confessar nas coisas miúdas e extrair delas uma história maior, com o calor afetivo de um povo que, espontâneo nos atos, se quer espontaneamente expressivo na linguagem também, com as necessidades de um país novo que busca a sua identidade com os olhos no mundo e um olhar mais decisivo no local, com aquela versatilidade camaleônica que precisa de muitas vozes e muitas formas de expressão para se auto-afirmar, com a pressa de leitura de um mundo que tem urgência de se ver e se reconhecer nas suas palavras e no seu lugar – que este gênero

jornalístico, hoje significativamente literário, que ainda resiste a uma classificação formal, é tão presente no processo de formação da Literatura Brasileira e igualmente tão singular na afirmação das nossas Letras que se pode dizer, com segurança, que a *crônica* é um modo muito nosso de ser.

## E de onde vem a *crônica*?

Machado de Assis, como a maioria dos nossos escritores, também foi *cronista* e, junto com José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, fez parte do primeiro time de “cães farejadores do cotidiano” – numa expressão feliz de Antonio Candido para registrar a avidez pela “reportagem da vida” que progressivamente vai se tornar na nossa tradição literária um encontro único entre literatura e jornalismo, gênero que os escritores brasileiros dominam como poucos e, por que não dizer?, como ninguém.

Pois é o nosso Machado mesmo que, brincando seriamente e se autodenominando “escriba das coisas miúdas”, desvenda “O nascimento da *crônica*”, não por acaso numa *crônica* com este mesmo título, afirmando e fabulando com aquele humor inteligente que a natureza ou a origem da *crônica* nasce de uma trivialidade como exclaimar “Que calor!”, para depois conjecturar “acerca do sol, da lua, da febre amarela, dos fenômenos atmosféricos” e outros calores da alma humana. E mais: que





esse tom tão trivial e aparentemente bisbilho-teiro da *crônica* é mais velho do que Esdras, Abraão, Isaque e Jacó, sugerindo para nós leitores que é mais velho até do que Noé, que – por essas veredas da fábula, não é nenhum pecado imaginar – muito provavelmente se utilizou do ritmo exclamativo e prosaico da *crônica* para anunciar ou quem sabe irradiar **a iminência do maior dilúvio de todos os tempos**, ameaça ou notícia esta em que, com a graça de Deus, teve gente que acreditou.

É isto: por seu caráter de prosa, colóquio, confissão, comunicação imediata, “graça”, sentido telegráfico, urgência, trivialidade e até mesmo brincadeira, ainda que o tema solicite o tom da seriedade, não dá para precisar em que época nasceu a *crônica*, mas é muito provável (e ainda quem nos alerta é Machado) que a *crônica* aconteceu pela primeira vez quando as duas primeiras vizinhas, depois das tarefas do jantar, se sentaram na porta de casa para papear sobre o dia e agarrar a transitoriedade da vida com palavras triviais e “voadoras” porque aparentemente dispersas, palavras com ar de coisa nenhuma, mas no fundo necessárias e urgentes como o impulso natural de comunicação entre dois amigos – escritor e leitor – que, se confessando no rés-da-calçada e nas miudezas da vida, revelam a complexidade da condição humana e a experiência única de viver.

Carlos Drummond de Andrade, que, como Rubem Braga e Clarice Lispector, imprimiu poesia e estados de alma à *crônica*, diria melhor, sugerindo, por sua vez, num poema, o sentido atávico e até mesmo inexorável da linguagem como busca do outro e, por ser raiz e matéria tão antiga e presente na natureza humana, ilustra muito bem a origem remotíssima da *crônica*, para usar uma imagem nossa, “um vôo breve com o tempo da eternidade”, puríssimo diálogo:

*Escolhe teu diálogo  
e  
tua melhor palavra  
ou  
teu melhor silêncio  
Mesmo no silêncio e com o silêncio  
Dialogamos.*

Só para iluminar mais a simplicidade e a sutileza, por vezes, até refinada da *crônica*, é quase uma sorte poder recorrer também às palavras de Manoel de Barros, hoje carinhosamente acolhido por leitores de todas as idades como “o grande poeta das coisas pequenas”, entendendo que ele levou a “herança e a ciência da *crônica*” para os seus poemas em prosa e avisa, com voz de *cronista*, que “para apalpar as intimidades do mundo”, labor precioso da *crônica*, “é preciso saber que o esplendor da manhã não se abre com faca” e que, no jogo literário, a gente tem de saber muito bem “como pegar na voz de um peixe”.

Enfim, como pegar com as palavras as pequenas coisas, agarrar o grande com a sabedoria do miúdo, revelar a dimensão humana nas suas porções mínimas, escutar a vida cotidianamente, atenções estas presentes em todos os tempos e em todas as formas literárias, mas em nenhum deles com o sentido de permanência, a singularidade e o “à vontade” do ofício de ser *cronista*.

## **E aqui no Brasil dá para situar o começo da *crônica*?**

A *crônica* como gênero literário só vai aparecer em 1854 com José de Alencar escrevendo para o jornal *Correio Mercantil* o folhetim “Ao correr da pena”, título sugestivo para ilustrar a leveza e o tom corriqueiro da matéria que comentava desde a presença da





máquina de costura que roubava a graça do dedilhar das agulhas, passando pela euforia tola das danças e dos costumes que invadem o Rio de Janeiro, até o furor especulativo da época e a indiferença da nação diante da Guerra da Criméia.

Mas o espírito de *cronista* já está presente na “certidão de nascimento” da Literatura Brasileira: a carta de Pero Vaz de Caminha, que, com o entusiasmo de *cronista*, a precisão no registro objetivo e circunstancial do fato e um certo tom segredado da conversa de comadres escrita com “engenho e arte”, relata a el-rei D. Manuel, com olhos de descobridor interessado, os benefícios e os malefícios da Terra de Vera Cruz.

Isso ainda não é arte literária, mas o ofício de *cronista* é a primeira voz, ainda que embrionária, das nossas Letras e vai ocupar um lugar de destaque a partir de meados do século XIX na Literatura Brasileira, persistindo como uma espécie de “idioma nacional” e compo uma galeria de *cronistas maravilhosos* que, com *suas palavras voadoras*, solidárias ao registro factual e aos vôos imaginários, mais parecem uma comunidade de alquimistas que vão das memórias aos flagrantes do dia-a-dia, da piada às inquietações metafísicas, do diário às digressões filosóficas, do ultimato às cartas literárias, dos apelos de alma à ironia mordaz, da denúncia social à contemplação introspectiva, das confissões poéticas ao comentário chulo, do humor à compaixão, da “bolsa à vida”, apenas para registrar seus extremos.

Em todos o tom da oralidade e o sentido da **solidariedade** fazem do leitor um interlocutor que se reconhece na matéria, sempre expressa com fôlego de experiência vivida, até mesmo como co-autor dessas páginas

escritas como uma espécie de subjetividade coletiva.

É fato mais que conhecido no universo das palavras que o clima de conversa ao pé do ouvido da *crônica*, tocante e ao mesmo tempo volátil, e que Manuel Bandeira, *cronista* na prosa e *cronista* na poesia, chamou puxa-puxa, provoca no leitor um desejo enorme de escrever *crônica* também.

Por tanta expressividade e tantas formas de expressão, vale fazer um percurso de leitura pelos labirintos da *crônica* desde João do Rio e Lima Barreto, que chegaram a criar personagens, sátiras, e mesclar ficção e realidade nos seus folhetins dos primórdios do século XX, até os mais atuais, que escrevem diariamente para as mais conhecidas revistas e jornais brasileiros, como André Sant'Anna, que chega a suprimir a pontuação para “perder o fôlego” de tanto ódio e adoração por São Paulo, Antonio Prata, que vai ao ápice da auto-ironia amorosa de sua própria classe social, ou Tutty Vasques, que, com o eterno espírito solidário da *crônica*, confessa que é *cronista* “porque ainda acredita no ser humano”.

É isto: nesse trajeto tão humanamente nosso que recupera e reassume algo da versatilidade do herói Macunaíma enquanto “história de busca” e constante desejo de se reinventar, a nossa *crônica* avança e retorna no tempo criando novos modos de cultivar, na própria respiração das palavras, o ofício de contar e elegendo sempre o tema da “**solidariedade**”





entre cronistas e leitores como norte da experiência imperdível de ler. E é por essas veredas de sensível e puríssima comunicação que ela veio se aclimatando desde os “tempos que já lá vão” com a pena missionária do padre Manuel da Nóbrega ou do padre José de Anchieta no Quinhentismo e se firma progressivamente nas décadas de 1930 e 1950 de forma única e originalíssima no Brasil, acolhendo o que as vanguardas ofereciam de melhor nos idos de 22, entrando no ritmo da bossa nova com a aparente simplicidade de quem conta e faz “reportagem da vida” com uma nota só, festejando ou não a criação de Brasília, comemorando a primeira vitória da copa do mundo, “caminhando contra o vento sem lenço nem documento” nas passeatas e comícios dos anos sessenta, transitando sempre na contramão dos artificios e de toda e qualquer ditadura de expressão, por estar a serviço da vida, a parte melhor de toda essa sua história.

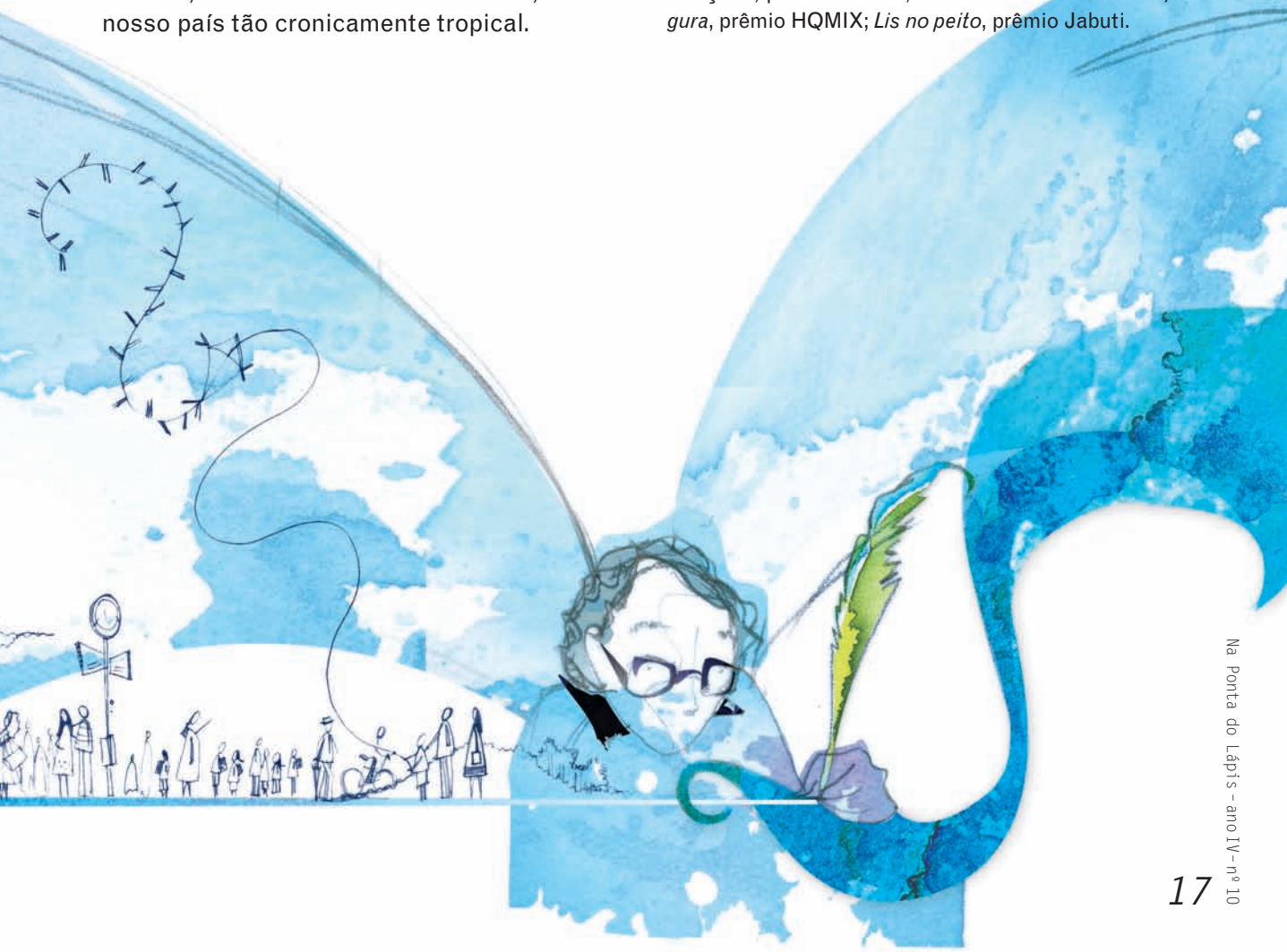
Pensando mais uma vez junto com Antonio Candido, ela, a nossa crônica, “pode servir de caminho não apenas para a vida que ela serve de perto, mas para a literatura”, como quem, do fundo do coração e na memória do tempo, todos os cronistas ou **folhetinistas** de fato, como eles eram chamados, nesse nosso país tão cronicamente tropical.

## E, para provisoriamente pôr um ponto final nessas linhas que já estão com vontade de virar crônica, como vai ela hoje em dia?

“Muito bem, obrigada”, ela grita leve e solta nas entrelinhas dessa conversa ligeira, sempre abusando lindamente da liberdade de expressão que é seu território livre para o trânsito das idéias. Isso porque, quando se lê uma *crônica* que é *crônica* mesmo, coisa que só lendo para descobrir, a gente se perde no tempo imemorial de todos os tempos sem o menor interesse de se achar, a gente fica como Carlos Heitor Cony naquela *crônica* que conta a sua história de amor com a sua cadelinha “Mila”: com a breve eternidade da *crônica* que, igual à cachorrinha, nunca quer ser maior do que a nossa *alegria* ou tristeza, a gente “perde o medo do mundo e do vento” e fica com saudade das *crônicas* que ainda não leu.

---

**Jorge Miguel Marinho** é professor de literatura, escritor, ator e roteirista. Entre as obras publicadas estão *Te dou a lua amanhã*, prêmio Jabuti; *Na curva das emoções*, prêmio APCA; *O cavaleiro da tristíssima figura*, prêmio HQMIX; *Lis no peito*, prêmio Jabuti.





# CRÔNICA

## uma prosa bem afiada

“(...) ao cronista compete ser registrador do tempo, o seu particular e aquele em que mais alargadamente vive.”

José Saramago (1986 *apud* Neves, 1995)

Num tom bem-humorado, sensível, desprezioso, o cronista emociona, envolve, ajuda o leitor a refletir criticamente sobre questões sociais, atos e sentimentos humanos. O cronista usa uma linguagem simples, espontânea, quase uma conversa. Narra com naturalidade fatos corriqueiros, miudezas do comportamento das pessoas, trazendo à tona a vida da cidade. Para aproveitar esse clima de proximidade, de identificação entre autor e leitor, propiciado pela crônica, preparamos, para você, professor, algumas sugestões de atividades de leitura e escrita que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

### 1 De que falam as crônicas?

Escolha uma crônica instigante e prepare o material para a roda de leitura. Providencie cópias do texto para que os alunos possam acompanhar a leitura. Convide-os a ouvir as com atenção a leitura da crônica. Pergunte se eles costumam ler as crônicas que são publicadas em jornais, revistas, livros, ou já ouviram em áudio, CD. Pergunte também se eles sabem quais são os temas preferidos pelos cronistas.

Conheça o que os alunos já sabem em relação ao gênero crônica.

### 2 Crônicas de ontem e de hoje

Pesquise crônicas bem interessantes. Procure mesclar textos de escritores que foram cronistas importantes do início do século XX (João do Rio, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade...) e outros dos dias atuais (Mário Prata, João Ubaldo, Luís Fernando Veríssimo, Affonso Romano Sant'anna, Ivan Ângelo, Walcyr Carrasco, Fernando Sabino...). Apresente os

textos para os alunos. Para facilitar a leitura e escolha dos trechos, organize-os num mural ou varal, ou disponha-os no chão da sala de aula. Peça aos alunos que leiam os vários trechos e selecione um de sua preferência. Faça um quadro na lousa e preencha os dados junto com os alunos. Organize uma roda de conversa para que eles comentem e comparem os assuntos das crônicas, a época em que foram escritas e a linguagem usada pelos autores.

| TÍTULO       | AUTOR               | ÉPOCA | ASSUNTO   |
|--------------|---------------------|-------|---|
| Ser brotinho | Paulo Mendes Campos | 1960  | Hábitos e comportamentos dos jovens no início da década de 1960 |
| ...          | ...                 | ...   | ...   |



[...] Ser brotinho é desdizer de enfeites e pinturas, e fazer uma cara lambida, arrumar os cabelos no vento, apagar o corpo dentro de um vestido em graça de doer, mas ir por aí espalhando fagulhas pelos olhos. Ser brotinho é lançar fagulhas pelos olhos. [...] Ser brotinho é possuir vitrola própria, perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso – moderninho –, vagarento, abraçada a uma porção de elepês esfuizantes. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e superior....

“Ser brotinho”, Paulo Mendes Campos.  
*O cego de Ipanema.*

Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 15.

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade, estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial...

“A última crônica”, Fernando Sabino. *Elenco de cronistas modernos por Carlos Drummond de Andrade e outros.*  
Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 259.

que virá inaugurar loja da

io Paulo na semana que vem porque parte das vendas marca irá, mensalmente.

(...) O que é uma flor?

Será esta criação vegetal que na primavera se abre do botão de uma planta?

Não: a flor é o tipo da perfeição, é a mais sublime expressão da beleza, é um sorriso cristalizado, é um raio de luz perfumado.

Por isso há muitas espécies de flor.

Há as flores do vale — mimosas criaturas que vivem o espaço de um dia, que se alimentam de orvalho, de luz e de sombras.

Há as flores do céu — as estrelas, — que brilham à noite no seu manto azul, como os olhos de uma linda pensativa.

“Falemos das flores”, 1855, José de Alencar.  
*Ao correr da pena.* 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. pp. 309-312.

A Rua do Ouvidor contou diversas lojas de perfumarias, e, por consequência, devia ser a rua mais cheirosa, mais perfumada entre todas as da cidade do Rio de Janeiro.

E todavia não o era!...

Com efeito não havia nem há rua mais opulenta de aromas, de perfumes, de pastilhas odoríferas, de banhas e de pomadas de ótimo cheiro; mas tudo isso encerrado em vidrinhos, em frascos e em pequenas caixas bonitas que mantinham e mantêm a Rua do Ouvidor tão inodora como as outras de dia.

Atualmente de noite observa-se o mesmo fato. Naquele tempo, porém, isto é, nos tempos do Demarais, e ainda depois, a Rua do Ouvidor, de fácil e reta comunicação com a praia, era uma das mais freqüentadas pelos condutores dos repugnantes barris, das oito horas da noite até às dez

“A Rua do Ouvidor”, Joaquim Manuel de Macedo.  
*Memórias da rua do Ouvidor.*  
Rio de Janeiro: Tip. Perseverança, 1878, pp. 99-101.

Aproxime os alunos do gênero textual crônica.



## Da notícia à crônica

“Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida.”

Cotidiano, 10 setembro de 2001

Mostre para o grupo trecho da notícia publicada no caderno Cotidiano, do jornal *Folha de S. Paulo*, em 10 de setembro de 2001. Retome com os alunos o principal objetivo da notícia: relatar o fato ocorrido de maneira o

mais impessoal possível, evitando ambigüidade. Esclareça que o escritor Moacyr Scliar publica semanalmente uma crônica, com base numa notícia veiculada no jornal. Faça uma leitura dramatizada, usando a entonação (voz, pausa, gestos, mímica...) para expressar o diálogo estabelecido entre o marido e a mulher. Em uma roda de conversa, explore com os alunos a sensibilidade do escritor Moacyr Scliar em construir, com base na notícia, uma crônica bem humorada. O autor usa um tom irônico, expressões típicas do discurso familiar para revelar as desavenças na vida do casal. Aproveite e analise junto com os alunos os recursos utilizados pelo cronista:

## Cobrança

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente”.

— **Você** não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — **Você** comprou, não pagou. **Você** é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, **você** não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— **Já sei** — ironizou ele. — **Você** vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? **Problema seu. Meu** problema é lhe cobrar. E é o que **estou** fazendo.

— Mas **você** podia fazer isso de uma forma mais discreta...

— **Negativo**. Já usei todas as formas discretas que podia. **Falei** com **você**, **expliquei**, **avisei**. Nada. **Você** fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. **Minha paciência foi se esgotando**, até que não **me restou** outro recurso: **vou** ficar **aqui**, carregando este cartaz, até **você** saldar sua dívida.

Neste momento começou a chover.

— **Você** vai se molhar — advertiu ela. — **Vai acabar ficando doente**.

Ele riu, amargo:

— **E daí?** Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva...

— Não **quero**. **Tenho** de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— **Acabe com isso**, Aristides, **e venha** para dentro. Afinal, **você** é meu marido, **você** mora aqui.

— **Sou** seu marido — **retrucou** ele — e **você** é minha mulher, mas **eu sou** cobrador profissional e **você** é devedora. Eu a **avisei**: não compre essa geladeira, **eu não ganho** o suficiente para pagar as prestações. Mas não, **você** não me ouviu. E **agora** o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer **você** que eu faça? Que perca meu emprego? **De jeito nenhum**. **Vou** ficar **aqui** até **você** cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para o outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

(Moacyr Scliar. *O imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2001.)

- Usa 1ª pessoa do verbo, singular e plural.
- Usa discurso direto no diálogo, verbos de dizer.
- Traz aspectos de oralidade para a escrita: expressões de conversa familiar/intima, repetições, pronome **você**.
- Partilha fatos cotidianos com seu leitor, dando singularidade a eles.
- Usa marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos.

**Moacyr Scliar** nasceu em Porto Alegre em 23/3/1937. É membro da Academia Brasileira de Letras, autor de 55 livros, em vários gêneros: conto, romance, crônica, ensaios. Recebeu vários prêmios e tem trabalhos adaptados para cinema, televisão, teatro e rádio.



Amplie o repertório dos alunos por meio da leitura de crônicas.

4

### Agora, os alunos são os cronistas

Traga para a sala de aula notícias publicadas em diversos jornais. Organize com os alunos um mural com essas notícias e convide-os a lê-las. Peça-lhes que as analisem e escolham entre elas uma que, na opinião deles, pode originar uma boa crônica. Diga aos alunos que vamos escrever a crônica coletivamente, pois isso possibilita a troca de experiência e a negociação entre alunos e professor.

Lembre à turma que o ponto de partida para a escrita da crônica é o próprio acontecimento relatado na notícia e o cronista vai colocar a sua visão pessoal do fato, acrescentando

uma dose de ficção, lirismo ou mesmo de humor. Por exemplo, se a notícia escolhida for sobre o riso, pergunte ao grupo se eles riam com frequência, em que situações costumam “cair na gargalhada”, se em seu grupo de amigos há alguém que está sempre rindo, ou faz todo mundo rir? Direcione a conversa para seleção de situações que possam contribuir para dar o tom literário para a elaboração do texto.

Retome as idéias sugeridas pelos alunos e vá anotando-as e escrevendo na lousa os parágrafos iniciais. Durante a produção coletiva faça perguntas e dê orientações que ajudem o grupo na elaboração da crônica. Essa versão inicial do texto deverá ser aprimorada no decorrer do processo.

#### Sobre o riso

Por que rimos?  
Ninguém sabe. O riso tem uma qualidade universal: todas as culturas têm seus contadores de piadas. E, mesmo que a piada tenha graça só para uma cultura, as pessoas reagem sempre da mesma forma.

#### Em dez anos, dobrou o uso de bicicletas

De acordo com a pesquisa, o uso da bicicleta cresceu principalmente para viagens curtas e na periferia. A pesquisa também mostrou que pela primeira vez desde 1977 o número de pessoas que utilizam transporte motorizado coletivo ultrapassou o daqueles que usam veículos individuais.

#### Com delicadeza, Linha de passe mostra família da periferia de SP

A vida de uma família na periferia de São Paulo (SP) e sua luta para sobreviver e realizar sonhos são os itens centrais do filme *Linha de passe* (Brasil, 2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, que chega às telonas nesta sexta-feira (5).

Produza coletivamente a versão inicial da crônica.

5

### É crônica?

Providencie cópias da crônica “História de cheiros” para os alunos para que eles acompanhem a leitura (ou podem ler em duplas). Se isso não for possível, copie o texto na lousa ou numa grande folha de papel. Planeje bem a leitura da crônica. Após a leitura, proponha uma roda de conversa. Deixe os alunos manifestarem sua compreensão e opinião sobre o texto. Para melhor explorar as características da crônica, prepare tarjas com observações sobre os recursos utilizados pelo autor. Proponha aos alunos que releiam com atenção a crônica e ordene as tarjas no texto.



## História de cheiros

Luiz Henrique Gurgel

Fazia tempo que não passava por São Paulo de madrugada. Vinha do interior e atravessava a cidade para chegar em casa. Quem mora no ABC Paulista tem sempre a triste sina de ter de cruzar o gigante. Pior se chega na hora do *rush*. Tinha chovido, a cidade estava vazia e molhada, o ar úmido e quente. Eu tinha saído de um sítio no Vale do Paraíba. Lá também havia chovido, vim embora com o cheiro gostoso de mato molhado, misturado ao agradável odor de estrume de vaca remexido. Vi cair a chuva-criadeira, que molha a terra, que enche o rio, que limpa o céu. “Que traz o azul!”, como cantava Tom Jobim.

Menino nascido e criado em cidade, desde a infância fazendas e sítios foram espaços míticos, lugares de contato com a natureza, mesmo quando peguei carrapatos. Bicho insuportável, castigo de condenado no Juízo Final. Naqueles sítios era possível o contato prazeroso consigo mesmo, onde o tempo escorre lento, tortuoso, sem pressa de ver o pôr-do-sol. Talvez por isso, até hoje, o perfume do estrume bovino me pareça tão bom.

Mas agora, em São Paulo, eu subia a rua da Consolação, vazia, com a bonita luz amarelada saindo de postes altos, tudo molhado e deserto de gente, de vez em quando um carro na outra pista e o chiado da água espalhada pelos pneus no asfalto. Com o calor e o ar úmido da chuva que acabara de cair, a cidade exalava um cheiro estranho, que aos poucos fez esvanecer a imagem bonita da urbe vazia e molhada, refletindo o amarelo das luzes. O odor era azedo feito chorume de lixão, parecia esterco. Àquela hora a poluição baixara – ainda mais porque havia chovido –, não tinha a bruma cinzenta que iguala todos os odores. Será que haviam adubado os canteiros da avenida? Ou será que chegamos ao ponto em que esse era o perfume de São Paulo, o cheiro real da cidade?

Em dias recentes, de forte calor, o odor do rio Pinheiros ultrapassou as margens e chegou aos bairros vizinhos. Era o rio devolvendo parte – o cheiro – daquilo que recebe pelos encanamentos.

Qual devia ser o cheiro do Pinheiros e de São Paulo quando caía chuva boa e prazenteira, há mais de quatro séculos? Imagino o mesmo cheiro do mato molhado, do estrume de vaca remexido dos sítios da minha infância.

Na minha utopia torço para que um dia os rios e a cidade de São Paulo fiquem cheirosos novamente. Que chova água-de-cheiro. Água-de-cheiro da natureza. Aí vai ser bom atravessar a Paulicéia, de madrugada, respirando fundo.

A narrativa em primeira pessoa aproxima o autor do leitor.

O narrador-personagem fala de si mesmo de um jeito que envolve o leitor

O narrador trata um fato corriqueiro de forma peculiar

Toda a narrativa se organiza em torno do mesmo tema: cheiros

Usa marca de tempo e lugar que revelam fatos do cotidiano

O autor traz impressões captadas pelos sentidos



(...) A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só ele, o narrador, pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?

(“Sobre a crônica”, Ivan Ângelo. Veja São Paulo, 25/4/2007.)

## A crônica nossa de cada dia

Você gosta de ler crônicas? De que estilo? As poéticas, recheadas de descrições líricas? Ou as bem humoradas e irônicas? Ou prefere as marcadas pelas ásperas críticas à realidade social, política e cultural? Leia trechos das crônicas abaixo e descubra quem são seus autores. As respostas estão na página 25.

**A**

### A arte de ser avó

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada disso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais que o filho mesmo... Quarenta anos, quarenta e cinco... Você sente, obscuramente, nos seus ossos, que o tempo passou mais depressa do que esperava. Não lhe incomoda envelhecer, é claro. A velhice tem as suas alegrias, as suas compensações – todos dizem isso embora você, pessoalmente, ainda não as tenha descoberto – mas acredita. Todavia, também obscuramente, também sentida nos seus ossos, às vezes lhe dá aquela nostalgia da mocidade. Não de amores nem paixões: a doçura da meia-idade não lhe exige essas efervescências. [...]

Livro *Elenco de Cronistas Modernos*, Editora José Olympio, 2003.

### **B** Conformados e realistas

Fernando Calazans e poucos outros jornalistas esportivos têm sido críticos e realistas sobre a qualidade e o futuro do futebol brasileiro, da seleção e dos clubes. Penso da mesma forma. Estamos preocupados. Já a numerosa turma do oba-oba, também chamada de otimista, acha que somos muito pessimistas.

Os conformados, os que têm pouco senso crítico e também os modernistas, que são muito bem preparados cientificamente, dizem que o futebol moderno é esse aí. Temos de engoli-lo. Tocar a bola e esperar o momento certo para tentar fazer o gol virou sinônimo de lentidão. Confundem modernidade com mediocridade. Ninguém é tão ingênuo para achar que se deve jogar hoje no estilo dos anos 60.

O que queremos é ver mais qualidade. Não podemos nos contentar com um futebol medíocre, quase só de jogadas aéreas e de muitas faltas e muita correria. O encanto do futebol é outro.

Os jogadores são produzidos em série, para a exportação, como uma fábrica de parafusos. Os atletas de talento são colocados na mesma linha de produção dos mediocres. Há mercado para todos. Aumentou a quantidade e diminuiu a qualidade. [...]

Folha de S. Paulo, 31 de agosto de 2008, Caderno de Esporte



## C Conto-do-vigário

De quando em quando aparece-nos o conto-do-vigário. Tivemo-lo esta semana, bem contado, bem ouvido, bem vendido, porque os autores da composição puderam receber integralmente os lucros do editor.

O conto-do-vigário é o mais antigo gênero de ficção que se conhece. A rigor, pode crer-se que o discurso da serpente, induzindo Eva a comer o fruto proibido, foi o texto primitivo do conto. Mas, se há dúvida sobre isso, não a pode haver quanto ao caso de Jacó e seu sogro. Sabe-se que Jacó propôs a Labão que lhe desse todos os filhos das cabras que nascessem malhados. Labão concordou certo de que muitos trariam uma só cor; mas Jacó, que tinha plano feito, pegou de umas varas de plátano, raspou-as em parte, deixando-as assim brancas e verdes a um tempo, e, havendo-as posto nos tanques, as cabras concebiam com os olhos nas varas, e os filhos saíam malhados. A boa-fé de Labão foi assim embaçada pela finura do genro; mas não sei que há na alma humana que Labão é que faz sorrir, ao passo que Jacó passa por um varão arguto e hábil. [...]

*Obra Completa, Organização de Afrânio Coutinho, RJ. Nova Aguilar, 1994*



## D

## Meu reino por um pente

Filhos – diz o poeta – melhor não tê-los. Já o professor Aníbal Machado me confiou gravemente que a vida pode ter muito sofrimento, o mundo pode não ter explicação alguma, mas filhos, era melhor tê-los. A conclusão parece simples, mas não era; Aníbal tinha ido às raízes da vida, e de lá arrancara a certeza imperativa de que a procriação é uma verdade animal, uma coisa que não se discute, fora de alcance do radar filosófico. “Eu não sei por que, Paulo, mas fazer filhos é o que há de mais importante.”

Engraçado é que, depois dessa conversa, fui descobrindo devagar a melancólica impostura daquelas palavras corrosivas do final de *Meus miséria*: “não transmiti a nenhuma criatura o legado de nós-mente o pessimismo daquele verso, quando pergunta: mas, se não os temos, como sabê-lo? Resumindo: filhos, melhor não tê-los, mas é de todo indispensável tê-los, mas é de todo indispensável tê-los, mas é de todo indispensável tê-los para sabê-lo; logo, melhor tê-los. [...]

*Alhos & Bugalhos, Civilização Brasileira, 2001*

**João do Rio** – RJ (1881-1921). Pseudônimo usado pelo escritor e jornalista carioca João Paulo Alberto Coelho ao escrever suas crônicas para, entre outros, o jornal *Gazeta de Notícias*. Parte de sua obra foi reunida no clássico *A alma encantadora das ruas* (Companhia das Letras, 1997).

**Eduardo Gonçalves de Andrade** – MG (1947-). Conhecido como Tostão, é considerado um dos grandes jogadores do futebol brasileiro e mundial. Afastou-se do esporte e estudou medicina na UFMG, tornou-se professor universitário e trabalhou em hospitais. Em 1990, foi convidado para comentar jogos de futebol na televisão. Os argumentos equilibrados e inteligentes logo fizeram de Tostão um dos principais nomes da crônica esportiva brasileira. Em pouco tempo passou a colaborar na imprensa escrita.

**Paulo Mendes Campos** – MG (1922-1991). Cronista, poeta e tradutor, trabalhou no Instituto Nacional do Livro e foi diretor da seção de obras raras da Biblioteca Nacional. Escreveu suas primeiras crônicas no *Diário Carioca* e manteve por muitos anos, na revista *Manchete*, uma coluna semanal. Destacou-se pela simplicidade com que tratou em sua obra temas como o mar, a vida carioca, conversas de bar e futebol.





## E A rua

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos e agridamos o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. [...] Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma.

*A alma encantadora das ruas, Editora Garnier, 1908*

## F Quem tem medo da mortadela?

Modismo é conosco mesmo. O brasileiro adora inventar moda. E todo mundo vai atrás dela. A última do brasileiro é “primeiro mundo”. Os publicitários nativos inventaram a expressão e agora tudo que nós queremos tem que ser coisa do “primeiro mundo”.

[...] Agora já tem caipirinha de vodca e, pasmem, de rum. Caipirinha sempre foi e sempre será de cachaça. Coisa de caipira mesmo. E é esta bebida que os europeus vêm procurar aqui. Mas já meteram a vodca e o rum nela para ficar com cara de primeiro mundo. Vamos deixar a caipirinha caipira, brasileiros!

Toda essa introdução para chegar à mortadela. Ou mortandela, como preferem garçons e padeiros. Quer coisa mais brasileira que a mortadela? Claro que ela veio lá da Itália. Mas tornou-se, talvez pelo baixo preço, o petisco do brasileiro. O nome vem de murta, uma plantinha italiana que lhe valeu o nome. Infelizmente o brasileiro acha que mortadela é coisa de pobre, de faminto. E o que somos nós, cara-pálidas?

A cachaça e a mortadela são produtos do Brasil, do nosso querido terceiro mundo. Mas acontece que há um preconceito dos patrícios contra a cachaça e a mortadela. Contra a mortadela o caso é mais grave. Se você oferecer mortadela numa festa, vão te olhar feio. Você deve estar perto da falência. [...]

*Filho é bom, mas dura muito. Editora Maltese, São Paulo 1995. p. 157-159*

**Rachel de Queiroz** – CE (1910-2003). Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Publicou 23 livros individuais e quatro em parceria. Sua vasta e preciosa obra está traduzida e publicada em francês, inglês, alemão e japonês. Além disso, traduziu 45 obras para o português, sendo 38 romances. Colaborou semanalmente com crônicas no jornal *O Estado de S. Paulo*.

**Mário Alberto Campos de Moraes Prata** – MG (1946-). Trabalhou em jornais, escreveu editoriais, reportagens e artigos. Entre seus livros podem-se citar: *O morto que morreu de rir*; *Preto no branco* e *100 Crônicas*. Além de livros, escreveu novelas, roteiros e peças para teatro e através desse vasto trabalho recebeu prêmios internacionais e nacionais.

**Joaquim Maria Machado de Assis** – RJ (1839-1908) Cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. É considerado o ficcionista mais expressivo da prosa realista da literatura brasileira. Escreveu várias crônicas sobre a escravidão e os dramas sociais de seu tempo, escondendo-se atrás de vários pseudônimos.

Resposta: A) Rachel de Queiroz; B) Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão); C) Machado de Assis; D) Paulo Mendes Campos; E) João do Rio; F) Mário Alberto Campos de Moraes Prata



